

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**  
**FACULDADE DE PSICOLOGIA**



**A INFLUÊNCIA DE UMA COPARENTALIDADE  
CONFLITUOSA/COOPERANTE NOS ESTILOS  
PARENTAIS: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE  
POPULAÇÃO NORMATIVA E BAIRROS SOCIAIS**

**Márcia Filipa Mateus Pinhal**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)**

**2013**

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**  
**FACULDADE DE PSICOLOGIA**



**A INFLUÊNCIA DE UMA COPARENTALIDADE  
CONFLITUOSA/COOPERANTE NOS ESTILOS  
PARENTAIS: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE  
POPULAÇÃO NORMATIVA E BAIRROS SOCIAIS**

**Márcia Filipa Mateus Pinhal**

Dissertação orientada pela Professora Doutora Marta Pedro

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)**

**2013**

## **Agradecimentos**

Neste espaço quero agradecer a todos que de uma forma ou de outra contribuíram para que eu chegasse até aqui.

À Prof<sup>a</sup> Dra<sup>a</sup> Marta Pedro pela inigualável supervisão. Pela disponibilidade quase total em nos proporcionar todo o apoio necessário; Impensável seria voltar atrás sem uma tão boa  
Orientação!

Às minhas “colaboradoras” nesta investigação: Cátia, Carina e Sílvia pelo empenho e esforço e por tornarem esta dissertação numa realidade!

À Cátia, pela constante relação de simbiose que me deu forças para continuar. Pelo igual empenho, esforço e dedicação a este, também teu, projecto. Conseguimos!

Às associações que nos abriram portas à nossa investigação e a todos os que fizeram parte integrante desta amostra;

À minha família, mãe, Tiago, avó, tios e restantes, por reconhecerem o meu esforço e por me apoiarem incondicionalmente;

Às minhas colegas: Margarida, Carina, Andreia, Inês, pela partilha de “sofrimentos”, pelos momentos de descontração, pelos momentos de incentivo mútuo.

Ao meus amigos, em particular ao Nelson Lopes pelas suas palavras motivadoras nos momentos em que não acreditei ser possível concretizar esta dissertação, e ao “engenheiro” Tiago Martins pelo apoio técnico em momentos mais aflitivos.

Ao Flávio, pela compreensão das minhas ausências e pelo apoio incondicional nos momentos de maior fraqueza e celebração de todas as minhas conquistas

A estes e a todos os que, de uma maneira ou de outra, foram importantes para esta etapa da minha vida,

**Muito Obrigada!**

# **A influência de uma Coparentalidade conflituosa/cooperante nos Estilos Parentais: um estudo comparativo entre população normativa e bairros sociais**

## **Resumo**

O presente estudo pretende expandir a investigação sobre a relação de coparentalidade e estilos parentais, numa comparação entre população normativa e bairros sociais. Este estudo investigou a associação entre cooperação e conflito coparental e os estilos autoritário e autoritativo numa amostra de 117 figuras parentais, sendo que 100 são residentes de bairros sociais, abrangidos pelo programa PER e 17 representam um grupo normativo. Ambos foram recolhidos na área metropolitana de Lisboa. Foram utilizados instrumentos de auto-relato para aceder às percepções das figuras parentais sobre coparentalidade e estilos parentais. Os resultados demonstraram que figuras parentais com maior cooperação tendem a adoptar um estilo mais autoritativo e a diminuir o estilo autoritário. O conflito não mostrou relações significativas. Com a adição dos moderadores Contexto e NSE, que a relação entre cooperação coparental e estilo autoritativo é significativo para ambos os contextos. Não foram encontrados efeitos de moderação do NSE.

Os resultados deste estudo serão discutidos relativamente às suas implicações para investigação no âmbito da parentalidade em contexto comunitário. Direcções para investigações futuras serão também discutidas.

**Palavras-chave:** estilos parentais, coparentalidade, estilo autoritativo, estilo autoritário, conflito coparental, cooperação coparental, bairro social, nível socioeconómico

## **Abstract**

The present study aims to expand on the investigation concerning the relationship between coparenting and parenting styles, by comparing between normative and neighborhood population. This study has investigated the association between cooperation and Coparent conflict, and the authoritarian and authoritative styles in a 217 parental figures sample, being that 100 originate from neighborhood managed by PER program, and 117 represent the normative group. Both samples were collected in the Lisbon metropolitan area. Self-report instruments were used to access the parental figures' perception on coparenting and parental styles. The results show that parental figures with increased cooperation tend to adopt a more authoritative style and to diminish an authoritarian style. Coparenting conflict did not show any significant relationships. By adding the Context and NSE moderators the relationship between coparent cooperation and authoritative style is significant for both contexts. No effects of NSE moderation were found. The outcome of this study shall be discussed regarding its implications to the Community Parenthood investigation. Further investigation guidelines shall also be presented/discussed.

**keywords:** parenting styles, coparenting, authoritative style, authoritarian style, coparenting conflict, coparenting cooperation, Neighborhood, socioeconomic status

## **Índice**

<b>Introdução</b>	<b>1</b>
<b>Enquadramento teórico</b>	<b>2</b>
<b>Metodologia</b>	<b>9</b>
<b>Resultados</b>	<b>13</b>
<b>Discussão</b>	<b>14</b>
<b>Referências Bibliográficas</b>	<b>19</b>
<b>Tabelas</b>	<b>26</b>
<b>Figuras</b>	<b>29</b>

## **Índice de Tabelas**

### **Tabela 1.**

Características sócio-demográficas da amostra de bairro social (N=100)

### **Tabela 2.**

Características sócio-demográficas da amostra de população normativa (N=117)

### **Tabela 3.**

Intercorrelações entre dimensões de estilos parentais, cooparentalidade e os moderadores(N=217)

## **Índice de Figuras**

### **Figura 1.**

O modelo conceptual proposto a representar o contexto (bairro social/ população normativa), e o nível socioeconómico (baixo, médio e alto) enquanto moderadores da relação entre o coparentalidade (cooperação e conflito) e os estilos parentais (autoritativo e autoritário).

### **Figura 2.**

Efeitos de moderação do contexto (bairro social e população normativa) na relação de cooperação parental e estilo autoritativo.

### **Figura 3.**

Modelo 2 - Efeito de moderação do nível socioeconómico.



## **Lista de Abreviaturas**

NSE – Nivel Socioeconómico

## **Introdução**

A parentalidade refere-se ao conjunto de acções desempenhadas pelas figuras parentais junto dos filhos, com o intuito de promover o seu desenvolvimento da forma mais plena possível, utilizando os recursos de que dispõe dentro da própria família e, fora dela, na comunidade (Cruz, 2005). Os estilos parentais, por sua vez, serão uma constelação desses comportamentos e de práticas típicas dos pais, nos quais se desenvolvem as relações entre figuras parentais e filhos (Darling & Steinberg, 1993). Ainda na temática da parentalidade, a coparentalidade corresponde à coordenação das responsabilidades educacionais de uma criança ou jovem entre dois adultos (McHale, 2007).

Tendo como base o estudo da relação entre comunidades e o comportamento humano, esta investigação tem como objectivo geral investigar a relação entre coparentalidade e estilos parentais, especificamente, entre a cooperação e do conflito coparental e os estilos parentais autoritário e autoritativo. No entanto, a construção de valores e estratégias educativas serão reflexos da interacção com o contexto socioculturais e económicos da família (Bem & Wagner, 2006; Bronfenbrenner, 1979). Assim, e tendo por base uma linha ecológica (Bronfenbrenner, 1979), pretende-se examinar o papel moderador do contexto, nomeadamente os bairros sociais, bem como o papel moderador do NSE (baixo, médio, alto).

Esta investigação surge no âmbito de duas investigações mais abrangentes: uma primeira que investiga as dimensões coparentalidade, estilos parentais e apoio social percebido em diversos contextos, nomeadamente, contexto normativo, bairros sociais e meios rurais; e uma segunda, que estudou a satisfação conjugal e as práticas parentais dos parceiros. Esta última surge no âmbito de uma investigação de Doutoramento e foi parte representante da população normativa incluída neste estudo.

Seguidamente será apresentada a dissertação no formato de artigo científico para possível publicação futura.

# **A influência de uma Coparentalidade conflituosa/cooperante nos Estilos Parentais: um estudo comparativo entre população normativa e bairros sociais**

## **Enquadramento Teórico**

Várias investigações comprovam o papel fundamental dos estilos parentais no ajustamento sócio-emocional da criança e do adolescente (Baumrind, 1991; Eisenberg et al, 2006; Cuellar, Jones & Sterret, 2013; Lee, 2013), nomeadamente, ao nível de sintomas de externalização e internalização (Yahav, 2007), relações com os pares (Spera, 2005) ou desempenho académico (Assadi et al, 2007), entre outros.

Neste sentido, o estudo dos factores que poderão contribuir para o desenvolvimento de estilos parentais promotores do bem-estar dos filhos tem sido uma preocupação dos investigadores, que têm apontado a coparentalidade como um dos principais preditores dos estilos parentais (e.g. Abidin & Brunner, 1995; Pedro et al, 2013; Feinberg, 2003). Contudo, apesar das evidências empíricas que demonstram que o contexto em que os pais residem poderá afectar a parentalidade (Ceballo & McLoyd, 2002; Dahl et al, 2010; Spera, 2005; Christie-Mizell & Erickson, 2007), têm sido escassas as investigações centradas na relação entre coparentalidade e estilos parentais em contexto de bairro social (Ceballo & McLoyd, 2002; Franco et al, 2010, Leventhal & Brooks-Gunn, 2000). Segundo a revisão de Cuellar e colaboradores (2013), a relação entre contexto de bairro social e as práticas parentais são fundamentais para o ajustamento psicossocial dos jovens e, portanto, é uma temática que merece mais desenvolvimento teórico e empírico. Este estudo irá enriquecer a literatura neste sentido, de forma a tentar aprofundar o conhecimento sobre a parentalidade em contexto de Bairro Social.

### ***Influência Contextual***

O modelo ecológico de Bronfenbrenner (1979) enfatiza a importância das influências ambientais, como base para a compreensão da relação entre contextos e família (George, 2004). Deste modo, a construção dos valores, metas e estratégias educativas dos pais serão reflexos da interacção com o seu contexto sociocultural (Bem & Wagner, 2006) e da situação económica da família (Bronfenbrenner & Morris, 1998). Assim, considerando o modelo ecológico (Bronfenbrenner, 1979), existem variáveis como stressores familiares (e.g.,

desemprego) ou o nível socioeconómico baixo da família que poderão interferir na relação interpaparental e nas práticas parentais. Um exemplo de um contexto com este tipo de problemáticas são os bairros sociais. Este contexto tem recebido alguma atenção na última década, mas merece um estudo mais profundado (Tendulkar, et al 2010), nomeadamente relativamente a questões ligadas à parentalidade nesse contexto (Cuellar, 2013).

### ***Bairros Sociais e Nível Socioeconómico***

Os bairros sociais foram construídos através do programa PER- *Programa Especial de Realojamento*, com o fundamento de realojar pessoas que viviam em “bairros de lata”. Estes bairros acabam por reconstituir espaços de aglomeração da pobreza urbana, concentrando no seu interior os principais grupos de risco e incluindo uma população com fraca escolarização e especialização profissional (Augusto, 2002; Matos, 2012). Ao nível da estrutura familiar são, geralmente, populações isoladas, famílias monoparentais ou famílias extensas com descendentes e/ou ascendentes a cargo (Matos, 2012). Quanto à inserção no mercado de trabalho, existe uma grande incidência de desemprego, relações precárias ou com recurso a proventos de origem não-legal ou ainda vivendo de reformas ou subsídios do Estado (Matos, 2012) Desta forma, as famílias provenientes deste contexto vivem, predominantemente em situação de pobreza, com rendimentos reduzidos, por vezes inferiores ao Salário Mínimo Nacional (Matos, 2012).

Segundo as concepções de Hoff, Laursen & Tardif, (2002), o nível socioeconómico parece influenciar a parentalidade, nomeadamente a qualidade da relação que pais e filhos estabelecem, bem como as atitudes e os objectivos parentais. A investigação tem demonstrado a influência do nível socioeconómico (NSE) no comportamento parental (Bem & Wagner, 2006; Assadi et al, 2007), sendo defendido que os factores culturais e socioeconómicos influenciam as concepções dos pais acerca das suas práticas educativas (Leaper, 2002). Nomeadamente, a pobreza tem sido associada a diversos comportamentos parentais, sobretudo atitudes mais autoritárias (Assadi et al, 2007 Beyers et al, 2003; Chung & Steinberg, 2006; Steinberg, Lamborn, Dornbusch & Darling, 1992; Tendulkar, et al 2010). Um estudo que relacionava NSE com estilos parentais mostrou que os pais de famílias pobres seriam mais autoritários, comparativamente com famílias de NSE médio-Alto (Assadi, 2007). Assim, os pais de NSE mais baixo tendem a utilizar práticas disciplinares mais rígidas (Ceballo & McLoyd, 2002), recorrendo com maior frequência à punição física do que pais de NSE mais elevado (Leventhal & Brooks-Gunn, 2000; Bernard-Peyron & Allès-Jardel, 2002; Kohen, Leventhal, Dahinten, & McIntosh, 2008). Os pais de NSE médio-alto, por sua vez,

entendem as relações sociais em termos de autoridade e poder, e utilizam mais poder assertivo e controlo restritivo quando interagem com os seus filhos (Szymanski, 2006). O nível socioeconómico tem também sido apontado como um indicador que mais contribui para a envolvimento dos pais na relação com filhos (Byrnes e Miller, 2012). Por outro lado, Szymanski (2006) sugeriu ainda que pais com NSE mais favorecidos (maior escolaridade e mais rendimentos), estabelecem valores de autocontrolo, autonomia e responsabilidade com os filhos, enquanto pais em situações económicas mais desfavorecidas preconizam valores de conformidade e obediência. Neste sentido, as evidências empíricas sugerem que pais de baixos rendimentos apresentam níveis mais baixos de estilo parental positivo (Chung & Steinberg, 2006; Tolan et al 2003).

Em contexto de bairro, a divergência de NSE também tem influência nos comportamentos parentais (Cuella, 2013). Os pais de rendimentos mais baixos deste contexto apresentam estilos parentais menos positivos (Chung & Steinberg, 2006), enquanto que com rendimentos médios conseguem manter estilos parentais mais positivos e adequados ao contexto de bairro (Vieno et al, 2010). Estudos com foco na influência do NSE baixo e do contexto de bairro social na parentalidade, indicaram associações negativas entre o contexto de bairro social e níveis elevados de afectividade e monitorização (Taylor, 2000). No entanto, os estudos que relacionam NSE baixo e parentalidade parecem estar, maioritariamente, centrados em famílias com rendimentos extremamente baixos (e.g., Choi & Jackson, 2011; Zalot, Jones, Forehand, e Brody, 2007), existindo pouca literatura, até então, sobre a diversidade das famílias em relação à situação socioeconómica (Goodrum, et al 2012; Cuellar, 2013). Neste sentido, importa referir que na revisão elaborada por Cuellar e colaboradores (2013), estes referem a utilidade de um estudo onde fossem examinados o papel do moderador de rendimento familiar em contexto de bairro social na parentalidade.

Contudo, menos investigado tem sido o impacto do NSE na coparentalidade. Foram realizados alguns estudos, nomeadamente com famílias de mães afro-americanas com baixos rendimentos, onde referem que altos níveis de cooperação e baixos níveis de conflitos estão associados a um maior envolvimento das figuras parentais com os filhos (Sterret et al, 2010; Jones et al, 2005). No entanto, esta é uma área pouco aprofundada. A sua pertinência é elevada porque é considerado um factor-chave caracterização dos próprios bairros sociais (Matos, 2012).

### ***Coparentalidade e estilos parentais em contexto de bairro social***

Muitos estudos mostram que o contexto influencia as estratégias utilizadas pelos pais na relação com os filhos. (Ceballo & McLoyd, 2002; Dahl et al, 2010; Spera, 2005; Christie-Mizell & Erickson, 2007). Mais especificamente, o contexto de bairro social parece estar associado a menos afecto e maior severidade por parte das figuras parentais (Christie-Mizell & Erickson, 2007). Este evidenciou o facto dos pais em bairros perigosos, por um lado, poderem adquirir uma postura extremamente restritiva e protectora, por outro lado poderem deixar os seus filhos, de uma forma mais livre, a desenvolver relações dentro do bairro e participar nas actividades sociais (Furstenberg et al, 1999). Contudo, menos estudos têm investigado o impacto do bairro social nos estilos parentais em particular.

Os estilos parentais constituem um conjunto de atitudes para com a criança ou jovem que lhe são comunicadas e que, no seu conjunto, criam um clima emocional no qual os comportamentos dos pais são expressos (Darling & Steinberg, 1993). Os estilos parentais designam, assim, uma constelação de comportamentos padrão e práticas típicas dos pais, que criam um clima de interacção – transversal a diversos contextos e situações – no qual se desenvolvem as relações entre pais e filhos (Darling & Steinberg, 1993). Os estudos pioneiros de Diana Baumrind (1966, 1968) contribuíram para a formulação de três tipos de estilos parentais que se acreditam serem decisivos no processo de desenvolvimento das crianças e jovens – o estilo autoritário, o estilo autoritativo e o estilo permissivo. Este estudo foca-se, essencialmente, nos estilos autoritativo e autoritário. O estilo parental autoritário envolve a afirmação de poder, sem envolvimento emocional mas com elevado controlo (Coplan, 2002). As estratégias utilizadas são punitivas e directivas e a criança segue as regras sem questionar (George, 2004). Os pais autoritários dão poucas ou nenhuma explicação para a punição (Hartup e Laurson, 1993) e na tomada de decisões, nunca pedem a opinião da criança sobre as decisões familiares (George, 2004). Por sua vez, o estilo autoritativo, também designado como estilo democrático (Baumrind, 1971), é um estilo equilibrado, onde as figuras parentais utilizam padrões firmes de controlo dos comportamentos dos seus filhos, mas com uma postura de escuta activa (Miguel et al, 2009). Os pais procuram estabelecer limites e regras de forma racional e orientada, exercendo um controlo firme mas consistente e direccionado para padrões de funcionamento familiar saudáveis e equilibrados (Baumrind, 1966; 1968; 1971). Em comparação com o estilo autoritário, tem sido proposto por diversos autores que o estilo autoritativo é o mais benéfico para o desenvolvimento das crianças e adolescentes, (Ang & Goh, 2006; Miguel, et al 2012; Chaudhuri, et al., 2009; Baumrind, 1991; García & García,

2009; Tudge & Freitas, 2012) muitas vezes referenciado como “estilo ideal” (Garcia & Garcia, 2012). É ainda de salientar que alguns autores realçam o facto dos estilos parentais serem considerados razoavelmente constantes ao longo do tempo (e.g., Holden & Miller, 1999). Esta estabilidade prolonga-se por cerca de 8 anos, desde o meio da infância (7-8 anos) até à adolescência (14-15 anos) (McNally, 1991).

No que diz respeito a evidências empíricas acerca do impacto do bairro social nos estilos parentais, estas têm sido escassas e incongruentes (Ceballo & McLoyd, 2002; Franco et al, 2010, Leventhal & Brooks-Gunn, 2000). Em particular, alguns autores têm sugerido que os pais que vivem em contextos mais perigosos usam métodos mais autoritários para manter um controle mais rígido das actividades de seus filhos (e.g., Winslow, 2001). Nos bairros sociais, os pais precisam de estar preocupados com a segurança física e, principalmente, com a segurança emocional dos seus filhos (George, 2004; Dahl et al, 2010) o que os poderá levar a escolher uma educação autoritária para os seus filhos (Collins & Stenberg, 2006). Neste sentido, Garcia e Garcia (2009) demonstraram que as famílias que vivem em bairros potencialmente perigosos exibem um estilo parental mais autoritário, por trazer benefícios de protecção no contexto de bairro social. contexto mais seguro, o estilo autoritário poderá ser considerado excessivo (Dahl et al, 2010; Leventhal & Brooks-Gunn, 2000; Chuang, et al, 2005). Por outro lado, o estilo autoritativo não deixa de ser benéfico para as crianças e jovens residentes em Bairros Sociais. O presente estudo pretende colmatar esta lacuna da literatura analisando esta incongruência, bem como a inclusão da relação destas variáveis com o NSE.

Um outro aspecto que tem sido destacado na literatura como uma influência fundamental do comportamento parental é a coparentalidade (Feinberg, 2003). Esta define-se, de uma forma geral, como “*a forma como os pais trabalham em conjunto no seu papel de pais*” (Feinberg, 2003), correspondendo à coordenação das responsabilidades educacionais de uma criança ou jovem entre dois adultos (McHale, 2007; McHale & Lindahl, 2011; McHale & Sullivan, 2008). Assim, a relação coparental não inclui aspectos legais, românticos, sexuais, emocionais ou financeiros dos relacionamentos adultos que não estão relacionados aos cuidados sobre a criança (Feinberg, 2003). Apesar de terem sido propostos vários modelos de coparentalidade (e.g., Feinberg, 2006), o presente estudo baseia-se no modelo de Margolin, Gordis e John (2001), que considera que a coparentalidade inclui três dimensões: o conflito, a triangulação e a cooperação. Este estudo irá centrar-se nas dimensões de conflito e cooperação coparentais, uma vez que estes são considerados fortes preditores do ajustamento parental (Dorsey, Forehand & Brody, 2007) e da criança (Karreman, et al 2008; Shook, et al 2010; Scrimgeour, 2013). Mas especificamente, o conflito refere-se ao nível de (des)acordo

relativamente a questões relacionadas com o cuidar dos filhos e à hostilidade interparental, incluindo ainda o quanto os progenitores o exercício das funções parentais da outra figura parental (Margolin et al 2001). A cooperação, por seu lado, diz respeito a quanto os pais se valorizam, apoiam e respeitam mutuamente (Frizzo, 2005; Margolin et al 2001). Esta reflecte um sentimento comum das responsabilidades parentais e garantia de que o parceiro é física e emocionalmente disponível para a criança (Margolin et al 2001).

Muitas das investigações centradas na coparentalidade focam uma relação desta com os comportamentos parentais, nomeadamente com o estilo parental (Abidin & Brunner, 1995). A coparentalidade exercida de forma positiva parece influenciar directamente a relação pais-criança, enquanto numa coparentalidade negativa poderá existir um desinvestimento nessa relação (Vaughn, 2000). Assim, segundo Feinberg (2003), a coparentalidade está positivamente relacionada com a competência parental, nomeadamente através de uma relação positiva com o estilo autoritativo, em ambas as figuras parentais (Abidin & Brunner, 1995). A capacidade dos pais em estabelecerem apoio coparental dá-lhes recursos necessários para a utilização de práticas parentais mais eficazes (Feinberg, 2003; Morril e tal, 2010). Por outro lado, uma coparentalidade hostil e competitiva pode levar a tensão nas interacções entre pais e filhos (Feinberg, et al, 2007). Um estudo que relacionava coparentalidade, conjugalidade e práticas parentais, revelou que a coparentalidade afecta as práticas parentais, sendo a cooperação será um preditor importante dessas mesmas práticas (Morril, 2010).

Contudo, um aspecto importante que deverá ser salientado prende-se com o facto de muita da literatura sobre a relação entre coparentalidade e estilos parentais ser baseada em amostras de conveniência, composta essencialmente por casais casados e de NSE médio alto (Feinberg, 2003), o que compromete e limita a generalização dos resultados a outras estruturas familiares, como famílias não-maritais, desfavorecidas a nível económico (Talbot & McHale, 2004 McHale & Irace, 2011; Jones et al., de 2007), como é o caso das famílias residentes em bairros sociais. Tendo em conta as características gerais do próprio bairro social, existe um grande número de famílias não-normativas, nomeadamente, famílias monoparentais ou famílias muito extensas com descendentes ou ascendentes a cargo (Augusto, 2002). Desta forma, a coparentalidade é muitas vezes partilhada com outros familiares, que não o outro progenitor.

Neste sentido, e apesar de ser um tema recente, existem vários estudos centrados em famílias monoparentais femininas (e.g., Goodrum, et al 2012, Shook, et al 2010, Parent et al 2013). Estudos feitos com “mães solteiras” afro-americanas têm mostrado que, apesar destas viverem sozinhas com os seus filhos, isso não implica que os outros adultos e membros da



família não estejam intrinsecamente envolvidos na educação dos seus filhos (Shook, et al 2010; Jones & Lindahl, 2011; Jones et al, 2007 ), tais como tias, tios, primos ou avós (Parent et al,2013). Em famílias não-normativas parece existir menos monitorização e calor parental quando se presencia uma coparentalidade baseada no conflito (Dorsey et al, 2007; Jones et al, 2005). Por exemplo, Conger et al (2002) relataram que, em famílias de bairro social, uma relação coparental baseada no conflito prevê níveis baixos de carinho e envolvimento dos pais. Por sua vez, estudos com mães solteiras que relataram um maior conflito com o seu parceiro coparental, concluíram que existia menos envolvimento na própria educação dos filhos (Brody et al, 1998). Porém, mães solteiras que têm uma relação de cooperação e pouco conflito com o seu parceiro coparental evidenciam comportamentos educacionais muito positivos (Parent et al 2013).

As investigações que relacionam as variáveis coparentalidade, estilos parentais bairro social e nível socioeconómico centram-se maioritariamente em mães solteiras e na sua relação com os parceiros coparentais (e.g., Parent et al. 2013). O presente estudo, não só se associa a mães solteiras, como a outras figuras parentais (e.g., pais e avós), nas suas relações com o seu parceiro coparental, pretendendo explorar estas variáveis noutras estruturas familiares também encontradas nos bairros sociais e contribuir, assim, para um maior conhecimento da relação entre coparentalidade e estilos parentais em famílias residentes em bairros sociais.

### **O presente estudo**

O presente estudo tem como objectivo geral investigar a relação entre coparentalidade e estilos parentais, especificamente, entre a cooperação e o conflito coparental e os estilos parentais autoritário e autoritativo, em contexto de bairro social. Pretende-se ainda examinar o papel moderador do contexto, nomeadamente, comparando uma amostra de bairro social com uma amostra normativa, bem como o papel moderador do NSE (baixo, médio, alto). Assim, e com base no modelo ecológico (Bronfenbrenner, 1979) e nas evidências empíricas acima mencionadas, propõem-se as seguintes hipóteses:

**Hipótese 1:** Espera-se encontrar uma relação positiva entre cooperação coparental e estilo autoritativo e entre conflito coparental e estilo autoritário (Abidin & Brunner, 1995).

**Hipótese 2:** Irá observar-se uma relação negativa entre conflito coparental e estilo autoritativo e entre cooperação coparental e estilo autoritário (Abidin & Brunner, 1995).

**Hipótese 3:** O contexto tem um papel moderador na relação entre coparentalidade e estilos parentais. Hipotetiza-se que, em contexto de bairro social, exista uma relação positiva

entre o conflito e o estilo autoritário e uma relação positiva entre cooperação coparental e estilo autoritativo (Parent, et al, 2013), mais fortes que na população normativa.

**Hipótese 4:** O NSE tem um papel moderador na relação entre coparentalidade e estilos parentais. Hipotetiza-se que, em NSE baixo exista uma relação negativa entre cooperação coparental e estilo autoritário, mais forte que na população normativa.

## Metodologia

### Amostra

A amostra inicial foi constituída por 217 figuras parentais, sendo que 100 eram referentes à amostra de residentes em bairros sociais abrangidos pelo programa *PER* e 117 pertenciam à amostra da população normativa, ambas residentes na área da Grande Lisboa.

Da amostra de bairros sociais inicial, 9 sujeitos foram retirados por evidenciarem efeito *outlier* e/ou não corresponderem aos critérios de inclusão, passando de uma amostra de 109 sujeitos para 100. Da amostra normativa, os 117 sujeitos foram retirados de uma base já existente de 519 pais e 519 mães recolhida anteriormente no âmbito de uma investigação mais abrangente relativa ao estudo da associação entre a relação conjugal e as interacções pais-filhos. Ambas as amostras foram juntas numa mesma base para análise de resultados.

Relativamente à amostra dos bairros sociais, as figuras parentais residiam, especificamente, nos bairros da Marvila (65%,  $n = 65$ ), da Ameixoeira (22%,  $n = 22$ ), da Arrentela (9%,  $n = 9$ ), no Bairro dos Lóios e no Monte da Caparica (4%,  $n = 4$ ). A amostra normativa foi recolhida na região de Lisboa e Vale do Tejo, 31 (36,27%) casais residentes na zona de Lisboa e Vale do Tejo e, 86 (63,73%) casais residentes na zona Litoral Oeste.

As figuras parentais respondentes da amostra de bairro social referem-se a pais, mães e avós/avôs, sendo que, maioritariamente, são mães (68%,  $n = 68$ ) e do sexo feminino (74%,  $n = 74$ ), com idade compreendida entre 23 e 75 anos ( $M = 38.94$ ;  $SD = 10.59$ ), na sua maioria de estado civil casado(a) (39%,  $n = 39$ ). Por outro lado, a amostra normativa refere-se a mães (52,1%;  $n = 61$ ) e pais (47,9%;  $n = 56$ ), com idades compreendidas entre 40,53 ( $SD = 5.12$ ) e 43.12 ( $SD = 6.05$ ), respectivamente, e maioritariamente de estado civil casado(a) (64,10%  $n = 75$ ).

Quanto ao nível socioeconómico, a amostra de bairro social apresenta-se, na sua maioria em situação de desemprego como situação laboral (46%,  $n = 46$ ), com NSE baixo (100%,  $n = 117$ ) sendo este um critério de selecção, enquanto que a amostra normativa é

maioritariamente de NSE médio (36.8%; n=51), sendo que 32.5% (n= 38) são de NSE alto e 30.8% (n= 36) são de NSE baixo. O NSE foi determinado de acordo com o sistema de classificação baseado na profissão e no nível de escolaridade do participante (Simões, 1994).

Outro critério de selecção das amostras seria a idade dos filhos. Dessa forma, a amostra de bairro social teriam de ser pais ou avós de pelo menos uma criança ou jovem com idades compreendidas entre os 3 e os 18 anos ( $M = 10.62$ ;  $SD = 4.33$ ). Já a amostra de população normativa seria representada por pais, com pelo menos um filho com idades entre 9 e 13 anos ( $M = 10.97$ ,  $SD = .92$ ).

## **Procedimento**

Inerente ao processo de recolha da amostra dos bairros sociais, foi solicitada a colaboração de serviços e associações que intervêm no âmbito do contexto de bairro social. Pretendia-se facilitar o processo de pedido de colaboração dos participantes, por meio de *mediadores* com contacto mais privilegiado e em proximidade, previamente estabelecido com os mesmos. O estudo contou com a colaboração da *Associação Lusofinia Cidadania e Cultura*, na Ameixoeira; do *Centro de Desenvolvimento Comunitário do Bairro dos Loios*, em Chelas; do ATL do *Centro Comunitário da Arrentela*; da *Associação Família Amiga*, na Marvila e do *Programa de Desenvolvimento Comunitário Urbano – K’CIDADE*, da Santa Casa da Misericórdia. Foram ainda planeadas e realizadas duas sessões, para pais, no âmbito da promoção da parentalidade positiva, no sentido de criar um *espaço* de partilha, no qual seria possível também a aplicação do protocolo. Entre Abril e Julho de 2013, em diferentes locais e momentos, as figuras parentais foram convidadas a participar neste estudo.

Os critérios de inclusão prendiam-se com: (1) residir em bairro social, (2) ter pelo menos 1 filho/neto menor de idade e participar activamente na sua prestação de cuidados e educação.

Os objectivos do estudo foram explicados aos participantes e os consentimentos informados foram eticamente obtidos. Os protocolos de investigação foram sempre administrados sob a supervisão da investigadora e/ou colaboradora. A aplicação do protocolo contemplou dois formatos: o questionamento oral e directo da parte da investigadora e/ou colaboradora, sempre que os participantes denotavam dificuldades ao nível da leitura e da compreensão; ou a resposta de forma autónoma, pelo participante. Sempre que era solicitada ajuda relativamente ao protocolo de investigação, o participante era pessoalmente assistido pela investigadora e/ou colaboradora.

A amostra normativa foi retirada de um estudo mais abrangente sobre as relações conjugal e pais-filhos (Pedro et al, 2013), que avaliava as mesmas variáveis (coparentalidade e estilos parentais) que este estudo. A amostra foi recolhida a partir de jardins de infância e em 14 escolas. As famílias que aceitaram colaborar, foram entregues, e posteriormente recolhidos, dois protocolos (um para o pai e outro para a mãe), tendo sido pedido que preenchessem separadamente, em casa.

A selecção dos 117 sujeitos foi feita tendo em conta o estatuto socioeconómico seguindo as recomendações de Simões (1994) e de acordo com o Sistema de Classificações de Profissões.

## **Medidas**

**Estilos Parentais:** Foi utilizada a versão de auto-relato do *Questionário de Dimensões e Estilos Parentais* (QDEP) (Robinson, Mandleco, Olsen & Hart, 2001; adaptado por Pedro, Ribeiro, & Carapito, 2013) que pretende avaliar os estilos parentais educativos. Este instrumento de auto-relato é constituído por 32 itens, cuja resposta se situa numa escala de 5-pontos, de 1 (*Nunca*) a 5 (*Sempre*). O QDEP é composto por três escalas, as quais avaliam os três estilos parentais da tipologia de Baumrind (1971): o estilo autoritativo, o estilo autoritário e o estilo permissivo. A escala do estilo autoritativo é composta por 15 itens e compreende as subescalas Ligação, Regulação e Autonomia, cada uma com 5 itens (e.g., “Sou sensível às necessidades e sentimentos do meu filho”). A escala do EP Autoritário é constituída por 12 itens e inclui as subescalas Coerção Física, Hostilidade Verbal e Punição, cada uma com 4 itens (e.g., “Castigo fisicamente o meu filho para o disciplinar”). A escala do EP Permissivo é composta por 5 itens e não inclui subescalas (e.g., “Eu cedo quando o meu filho faz birra”). As escalas do estilo autoritativo e autoritário revelaram um nível de consistência interna adequado:  $\alpha$  autoritativo = .79 e  $\alpha$  autoritário = .66. A escala do estilo permissivo apresentou valores de consistência interna abaixo dos aceitáveis ( $\alpha$  = .50). Por esta razão, as análises deste estudo prosseguiram apenas com as escalas dos estilos autoritativo e autoritário.

**Coparentalidade.** Para avaliar as percepções de cada participante sobre os comportamentos e contribuição da outra figura coparental no cuidar do seu filho foi utilizado o *Questionário de coparentalidade* (QC) (Margolin et al, 2001; versão portuguesa de Pedro & Ribeiro, 2013). O QC é constituído por 14 itens classificados numa escala de resposta de 5 pontos, de 1 (*Nunca*)

a 5 (*Sempre*), e compreende três subescalas: Cooperação, Triangulação e Conflito. A subescala da *Cooperação* é composta por cinco itens que avaliam em que medida as figuras coparentais se apoiam, valorizam e respeitam mutuamente, (e.g. *Põe-me a par de tudo o que acontece durante o dia-a-dia do(a) meu/minha filho(a)*). A subescala do *Conflito* conta com cinco itens que abordam em que medida está patente o conflito entre as duas figuras parentais, no cuidar de uma criança, (e.g., *Discute comigo por causa do(a) meu/minha filho(a)*). A subescala da *Triangulação* contempla quatro itens relacionados com a tentativa das figuras coparentais em estabelecer uma coligação com a criança, prejudicando o outro progenitor, (e.g., *Quando discutimos, tenta manipular o(a) meu/minha filha para que este tome partido de um de nós*”). Para o presente estudo foram apenas utilizadas as subescalas *Cooperação* e *Conflito*, ambas com níveis adequados de consistência interna (*Cooperação*  $\alpha = .71$ ; *Conflito*  $\alpha = .73$ ).

**Características sociodemográficas.** Os participantes preencheram ainda questões relativas a informações sócio-demográficas relevantes (e.g. sexo, idade, estado civil, profissão). A variável *Profissão* foi determinada segundo a Classificação Nacional de Profissões (CNP), do Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP).

### **Análises estatísticas**

As análises estatísticas foram conduzidas através do *Statistical Package for Social Sciences*, versão 21 (SPSS, Inc., Chicago, IL). Para o tratamento dos valores omissos, foi utilizado o algoritmo “Expectation Maximization” (EM), tal como recomendado por Tabachnick (2001).

Para testar o modelo proposto, foram conduzidas regressões múltiplas e utilizado o procedimento de *bootstrapping* (Preacher & Hayes, 2008; Hayes, 2013), de acordo com o qual são estimados os efeitos condicionais baseados num intervalo de confiança de 95%; efeito condicional considerado significativo quando o seu intervalo de confiança não inclui 0.

A *macro PROCESS* do SPSS foi usada para testar os efeitos principais e de interação das variáveis contexto, NSE, coparentalidade e estilos parentais, testando-se o modelo 1 de Hayes (2013) (ver **Figura.1**).

## RESULTADOS

### Análises descritivas e correlações

As análises descritivas e correlações entre as variáveis em estudo são apresentadas na Tabela 3.

As análises de correlação (**Tabela 3.**) indicaram que a cooperação se associava positivamente com o estilo autoritativo e negativamente com o estilo autoritário, tal como hipotetizado. No entanto, não foram encontradas correlações significativas entre o conflito e nenhum dos estilos parentais (autoritativo e autoritário). Na relação entre variáveis e moderadores, verificou-se uma associação negativa entre o moderador Contexto (Bairro/Normativo) e o estilo autoritativo e uma associação positiva com o estilo autoritário. No entanto, não foram encontradas associações entre o NSE e os estilos parentais. Foi encontrada uma forte associação positiva entre os moderadores, Contexto e NSE

### Efeitos principais

Relativamente ao modelo com *cooperação* como variável independente, os resultados mostraram efeitos principais significativos com o estilo autoritativo ( $B = .42; t = 7.98; p < .001$ ) e com o estilo autoritário ( $B = -.14; t = -2.28; p < .05$ ). Para o modelo com *conflito* como variável independente, não foram encontrados resultados significativos (autoritativo:  $B = .06; t = 1.22; p = .22$ ; autoritário:  $B = .07; t = 1.08; p = .28$ ).

### Análises de moderação

Os resultados revelaram que a interação entre cooperação e contexto estava significativamente relacionada com o estilo autoritativo ( $F(4,212) = 21.39, p < .001$ ). As análises *post hoc* dos *simple slopes* mostraram que o estilo autoritativo era influenciada pela cooperação quando moderada pelo contexto, sendo que a população de contexto normativo ( $B = .52; t = 7.46; p < .0001$ ) mostrou uma relação mais forte que o contexto de bairro social ( $B = .28; t = 3.71; p < .001$ ). O modelo 1 explica 31% da variância ( $R^2 = .31$ )

Não foram encontradas interações significativas entre Cooperação e Conflito e o moderador NSE, na relação com os Estilos Parentais (autoritativo e autoritário) ( $B = .12; t = 1.65; p = .09$ ).

## Discussão de Resultados

A presente investigação, tendo por base uma perspectiva ecológica (Bronfenbrenner, 1979), centrou-se numa comparação entre contextos, nomeadamente, entre uma população proveniente de bairros sociais e uma população considerada normativa (residente em áreas urbanas). Mais especificamente, o estudo tinha como objectivo geral compreender a relação entre o conflito e a cooperação coparental e os estilos parentais autoritário e autoritativo, tendo em conta o próprio contexto em que as figuras parentais se inseriam (bairro social e normativo) e o nível socioeconómico (alto, médio, baixo).

Relativamente à primeira hipótese apresentada, referente às associações entre as dimensões da coparentalidade e os estilos parentais, os resultados evidenciaram que níveis elevados de cooperação entre figuras parentais estão associados a uma maior tendência para exibir um estilo parental autoritativo, e a uma menor expressão de um estilo parental autoritário. Este resultado seria esperado tendo em conta a literatura, que revela que a coparentalidade positiva, caracterizada por uma maior cooperação entre figuras coparentais, está positivamente relacionada com o estilo autoritativo (Abidin & Brunner, 1995), e que essa mesma cooperação contribui para uma menor adopção de comportamento autoritário sobre os filhos (Parent et al 2013). Por outro lado, e contrariamente ao esperado, os níveis de conflito coparental não se encontraram significativamente relacionados com os estilos parentais. Segundo Conger e colaboradores (2002), uma relação coparental com níveis elevados de conflito é preditora de menos carinho e envolvimento das figuras parentais com as crianças. Esta não-relação poderá ser explicada pela dimensão da amostra, e pelo facto de esta ser pouco representativa. A dimensão da amostra poderá não ter sido suficientemente abrangente para chegar à possível significância desta relação.

As hipóteses três e quatro do estudo são relativas aos moderadores contexto (bairro social e população normativa) e NSE (alto, médio, baixo), da interacção entre a cooperação e conflito coparental, e os estilos parentais autoritativo e autoritário. Quanto ao contexto, verificou-se que, embora níveis elevados de cooperação coparental se relacionem com uma maior tendência para usar o estilo autoritativo em ambos os contextos, esta associação parece ser mais forte na população normativa do que na população de bairro social. Estes resultados vão de acordo com a literatura, e estão de acordo com a hipótese relativamente ao moderador. No entanto, os resultados mostraram um sentido oposto do esperado. Uma possível explicação para este resultado poderá estar relacionada com o facto do comportamento parental positivo,

em contexto de bairro social, poder ser influenciado por outros factores, que não apenas a cooperação coparental (Parent et al, 2013), que levem a adquirir um estilo parental autoritativo (e.g., apoio social formal/informal). Por exemplo, as mães solteiras, população frequente em bairros sociais (Matos, 2012), nem sempre reconhecem uma figura coparental na educação dos seus filhos, mas podem apoiar-se numa rede mais vasta (amigos, família alargada) (Jones et al, 2007; Shook, et al 2010) para adquirir tais comportamentos parentais. Já as famílias consideradas normativas, segundo os resultados, parecem apoiar-se mais na figura coparental para adquirirem comportamentos parentais mais adaptativos. Segundo estudos que relacionam coparentalidade com conjugalidade, que são similares à amostra normativa do presente estudo, estes referem que uma maior satisfação conjugal leva a uma maior cooperação coparental, que por sua vez revela maiores níveis de afectividade e supervisão dos filhos (e.g. Morril, 2010; Pedro et al, 2013). Assim, os pais parecem apoiar-se mais na relação coparental para adoptarem um estilo autoritativo na população normativa, do que na população de bairro social.

Assim, de uma maneira geral, o estudo não evidenciou grandes diferenças entre uma população de bairro social e uma população normativa, na relação entre coparentalidade e estilos parentais. Estas diferenças eram esperadas, uma vez que são salientadas na literatura (Steinberg, 2003; Dorsey et al, 2007; Jones et al, 2005; Conger et al 2002). Uma possibilidade de explicação para estes resultados terá sido o facto das figuras parentais que aceitaram participar neste estudo, da população de bairro social, serem aquelas que apresentam um padrão de relação coparentalidade-estilos parentais mais próximo da população normativa. Ao longo da recolha nos bairros sociais, muitas foram as pessoas que se recusaram a colaborar no estudo, principalmente figuras parentais de etnia cigana. Parece estar intrínseco em residentes de bairro social, que a sua identidade passa por uma incompetência e incapacidade elevados, devido aos baixos rendimentos e pouca escolaridade (Matos, 2012). Desta forma, figuras parentais que poderiam contribuir para a riqueza deste estudo, aumentando a variabilidade da amostra, parecem ter-se recusado a participar. Este poderá ter sido um factor contribuinte para um possível enviesamento dos resultados.

Quanto ao papel moderador do NSE, os resultados não foram significativos. Este resultado vai contra a literatura que considera o NSE como o indicador que mais contribui para a envolvimento dos pais na relação com os filhos (Byrnes & Miller, 2012). Desta forma, esta não-relação não suporta a hipótese formulada. No entanto, o estudo de Assadi e colaboradores (2007) também revelou uma não-significância entre NSE baixo e estilos



parentais. Estes concluíram que esta não-significância poderá sugerir que os comportamentos parentais das figuras parentais não se alteram quer sejam famílias com NSE baixo ou NSE médio-alto. Estes resultados são consistentes com as conclusões de Steinberg (2001) que falam de uma autoridade parental universalmente associada a cognições positivas.

Tendo em conta que os resultados mostraram uma significância na moderação do contexto, seria ainda mais esperado que o NSE fosse um moderador significativo, uma vez que este será um factor com grande peso na diferenciação dos contextos de bairro social e população normativa (Matos, 2012). Desta forma, uma explicação para a não-significância deste factor na relação entre coparentalidade e estilos parentais será a influência de outras características que podem estar a influenciar esta relação, nomeadamente, o nível de perigosidade dos bairros sociais (Furstenberg et al 1999) ou o ajustamento psicossocial das figuras parentais, tais como sintomas de depressão, sentimentos de auto-estima e satisfação com a vida (Costigan et al, 2011) em ambos os contextos. O nível de perigosidade do contexto parece estar pouco desenvolvido na literatura (Furstenberg et al 1999), sendo que alguns estudos estão ligados ao (in)sucesso da parentalidade no desenvolvimento de adolescentes em contexto de bairro social; Além disso, o ajustamento psicossocial das figuras parentais foram relacionadas com comportamentos parentais em estudos com imigrantes, que revelaram que o aumento da adaptação ao contexto estava positivamente relacionado com maior eficácia dos pais o que remetia para um melhor ajustamento psicológico (Costigan et al, 2011). Seria interessante aprofundar esta questão em pesquisas futuras.

### ***Limitações e pesquisas futuras***

Este estudo apresenta algumas limitações. Em primeiro lugar, o facto de ambas as amostras serem reduzidas (Bairro Social n=100; População Normativa n=117) e de se centrarem apenas na área metropolitana de Lisboa, poderá ter comprometido o alcance das características reais da população deste contexto e, conseqüentemente, a generalização dos resultados. Em segundo lugar, aquando da recolha da amostra de bairro social, foi perceptível a dificuldade dos participantes em responderem aos instrumentos, o que nos leva à hipótese de que, provavelmente, os instrumentos poderão não ser os mais adequados às especificidades deste tipo de população (mais desfavorecida e com um NSE baixo). A dificuldade de elaboração e a reduzida capacidade de abstracção evidenciada pelos participantes são possivelmente conseqüências de factores como o nível de escolaridade reduzido (Matos, 2012). Neste sentido, seria importante modificar os instrumentos QDEP e QC para uma linguagem mais acessível, no sentido de alcançar resultados ainda mais consistentes e reais

sobre o contexto de bairro social, de tão pertinente estudo. Esta limitação remete-nos para uma terceira, ainda dentro do contexto bairro social. A dificuldade de compreensão dos próprios instrumentos, aliado a uma escolarização reduzida (muitas vezes analfabetismo), levou à necessidade de aplicação dos protocolos em formato de entrevista. Embora este formato possua claras vantagens ao nível do controlo das condições em que os protocolos são preenchidos, as respostas neste formato poderão ficar mais sensíveis aos efeitos de desajustabilidade social, podendo ter enviesado os dados recolhidos. Em quarto lugar, o estudo contemplou um único método de recolha de dados: a aplicação de instrumentos de auto-relato. Para uma análise mais completa, e com base numa visão ecológica, seria importante a recolha de informação de outros informadores [e.g. o par coparental, o(a) filho(a)], assim como de factores do contexto extrafamiliar (e.g. perigosidade do bairro, a coesão da comunidade), recorrendo ainda a outras metodologias que permitam captar de forma mais abrangente e rigorosa fenómenos complexos como a coparentalidade (e.g. observação) (Brofenbrenner, 1979; Feinberg, 2003). O facto dos respondentes do estudo serem tanto progenitores como outras figuras parentais (e.g. avó/avô) no contexto de bairro social enriquece o estudo, abrangendo não apenas a percepção de mães ou pais, largamente estudada na literatura (Feinberg, 2003). No entanto, remete-nos para uma quinta limitação – a falta de controlo de factores como o nível de envolvimento do respondente na relação coparental ou a quantidade de tempo passado com a criança/adolescente, que poderão ser factores a considerar em futuras investigações.

Uma última limitação, e remetendo para a interacção das duas amostras, será a idade das crianças e adolescentes sobre os quais as figuras coparentais respondiam ao protocolo. Apesar de McNally (1991) considerar que o comportamento parental tende a manter-se estável durante os 7 aos 15 anos, a faixa etária das crianças e adolescentes das duas amostras é bastante díspar (Bairro Social – dos 3 aos 17 anos; População Normativa – dos 9 aos 13 anos). No entanto, considerando a média de idades das crianças e adolescentes é semelhante nas duas amostras (bairro social  $M = 10.67$  anos; população normativa  $M = 10.97$  anos) o que poderá ter contribuído para atenuar os efeitos das diferenças de idade nas duas amostras.

Por fim, ao nível de investigações futuras, propõe-se a inclusão da dimensão triangulação do estudo da coparentalidade, de modo a tentar percepcionar novas configurações de resultados. Uma outra investigação de elevado interesse seria a exploração da figura parental mais influente na coparentalidade para um melhor ajustamento dos comportamentos parentais, principalmente em contexto de bairro social, onde se reconhece uma coparentalidade com grande diversidade de pares (Feinberg, 2003). Assim, seria

relevante avaliar qual o parentesco da figura coparental que está mais ligado a comportamentos parentais mais positivos e ajustados ao contexto. Para além destas, e tendo em conta a literatura, seria pertinente replicar este estudo tendo em conta o ajustamento psicossocial da criança e do adolescente (Baumrind, 1991; Lee, 2013), dadas as evidências empíricas que comprovam a influência da coparentalidade e dos estilos parentais no desenvolvimento saudável dos filhos (Jones & Sterret, 2013; Scrimgeour, 2013) e o facto de, em contexto de bairro social, estas influências ainda não estarem suficientemente investigadas.

Em suma, este estudo veio contribuir para uma investigação mais aprofundada sobre a relação entre coparentalidade e estilos parentais em contexto de bairro social, comparativamente com uma população considerada normativa, bem como sobre a influência do NSE nessa mesma relação. Em geral, os resultados confirmam a relação de algumas variáveis já anteriormente estudadas empiricamente, nomeadamente, a cooperação parental e o estilo autoritativo. No entanto, mostrou-se pouco conclusiva aquando moderada pelas variáveis contexto e NSE. Desta forma, podemos verificar que a população de bairro social ou de NSE mais baixo adquirem comportamentos parentais tão ajustados quanto uma população classificada como normativa ou de nível socioeconómico médio-alto. Assim, este estudo contribui para a diminuição de *rótulos* muitas vezes criados relativamente a este tipo de população. As políticas de vários países, incluindo Portugal, têm privilegiado as classes médias em detrimento das famílias mais desfavorecidas (Matos, 2012). A construção de bairros sociais poderá criar sentimentos de segregação e de exclusão dos próprios residentes (Augusto, 2002) e as fragilidades das próprias características arquitectónicas e sociais dos bairros conduzem facilmente a uma estigmatização (Augusto, 2002), a qual muitas vezes contribui para a própria integração de identidade dos residentes. No entanto, e como comprovado por este e outros estudos, as figuras parentais de bairros sociais parecem encontrar estratégias de adaptação ao próprio contexto, de forma a manterem uma educação equilibrada e adequada dos seus filhos.

## Referências Bibliográficas

- Abidin, R. R. & Brunner, J. F. (1995). Development of a Parenting Alliance Inventory. *Journal of Clinical and Child Psychology*, 24 (1), 31-40.
- Ang, R., & Goh, D. (2006). Authoritarian Parenting Style in Asian Societies: A Cluster-Analytic Investigation. *Contemporary Family Therapy: An International Journal*, 28(1), 131-151
- Assadi, S. M., Zokaei, N., Kaviani, H., Mohammadi, M. R., Ghaeli, P., Gohari, M. R., & Van De Vijver, F. J. (2007). Effect of sociocultural context and parenting style on scholastic achievement among Iranian adolescents. *Social Development*, 16(1), 169-180.
- Augusto, N. (2002). “Habitação Social – da intenção de inserção à ampliação da exclusão” in *Actas do IV Congresso de Sociologia da Associação Portuguesa de Sociologia*.
- Baumrind, D. (1966). Effects of Authoritative Parental Control on Child Behavior. *Child Development*, 37 (4), 887-907.
- Baumrind, D. (1968). Authoritarian vs. Authoritative Parental Control. *Adolescence*, 3 (11), 255-272.
- Baumrind, D. (1971). Current parents of parental authority. *Developmental psychology Monograph*, 4 (1-2)
- Baumrind, D. (1978). Parental disciplinary patterns and social competence in children. *Youth and Society*, 9, 239–276.
- Baumrind, D. (1991). The influence of parenting style on adolescent competence and substance use. *Journal of Early Adolescence*, 11, 56–95.
- Beyers, J., Bates, J., Pettit, G., & Dodge, K. (2003). Neighborhood structure, parenting processes, and the development of youths’ externalizing behaviors: A multilevel analysis. *American Journal of Community Psychology*, 31, 35–53.
- Byrnes, H. F., & Miller, B. A. (2012). The Relationship Between Neighborhood Characteristics and Effective Parenting Behaviors The Role of Social Support. *Journal of Family Issues*, 33(12), 1658-1687.
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: Experiments by nature and design*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Bronfenbrenner, U., & Morris, R. (1998). *The ecology of developmental process*. In W. Damon (Series Ed.) & R.M. Lerner (vol. Ed.), *Handbook of Child Psychology*: vol. 1. (5th ed.). New York: Wiley.

- Bem, L. A., & Wagner, A. (2006). Reflexões sobre a construção da parentalidade e o uso de estratégias educativas em famílias de baixo nível socioeconômico - *Psicologia em Estudo*, 11, 63-71.
- Brody, G. H., Flor, D. L., & Neubaum, E. (1998). Coparenting processes and child competence among rural African American families. In M. Lewis & C. Feiring (Eds.), *Families, risk, and competence*. (pp. 227–243). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Brody, G. H., Ge, X., Kim, S. Y., Murry, V. M., Simons, R. L., Gibbons, F. X., Conger, R. D. (2003). Neighborhood disadvantage moderates associations of parenting and older sibling problem attitudes and behavior with conduct disorders in African America children. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 71, 211–222.
- Ceballo, R., & McLoyd, V. C. (2002). Social support and parenting in poor, dangerous neighborhoods. *Child development*, 73(4), 1310-1321.
- Chuang, Y. C., Ennett, S. T., Bauman, K. E., & Foshee, V. A. (2005). Neighborhood Influences on adolescent cigarette and alcohol use: Mediating effects through parent and peer behaviors. *Journal of Health and Social Behavior*, 46, 187-204.
- Christie-Mizell, C.A., & Erickson, R.J. (2007). Mothers and mastery: The consequences of perceived neighborhood disorder. *Social Psychology Quarterly*, 70, 340–365
- Chung, H., & Steinberg, J. (2006). Relations between neighborhood factors, parenting behaviors, peer deviance, and delinquency among serious juvenile offenders. *Developmental Psychology*, 42, 319–331.
- Choi, J., & Jackson, A. P. (2011). Fathers' involvement and child behavior problems in poor African American single-mother families. *Children and Youth Services Review*, 33(5), 698 – 704.
- Collins, W. A., & Steinberg, L. (2006). Adolescent development in interpersonal context. In W.
- Comim, F. & Bagolin, I. (2002). Aspectos qualitativos da pobreza no Rio Grande do Sul. *Ensaios FEE*, 23, Especial, 467-490.
- Conger, R. D., Wallace, L. E., Sun, Y., Simons, R. L., McLoyd, V. C., & Brody, G. H. (2002). Economic pressure in African American families: A replication and extension of the family stress model. *Developmental Psychology*, 38, 179–193.
- Coplan, R. j., Hasting, P. D., Lagacé-Séguin, D. G., & Moulton, C. E. (2002). Authoritative and Authoritarian Mother's Parenting Goals, Attributions, and Emotion Across Different Childrearing Contexts. *Parenting: Science and practice*, pp. 1-26.
- Dahl, T., Ceballo, R., & Huerta, M. (2010). In the eye of the beholder: mothers' perceptions of poor neighborhoods as places to raise children. *Journal of Community Psychology*, 38(4), 419-434.

- Damon, R. M. Lerner, & N. Eisenberg (Eds.), *Handbook of child psychology* (6th ed., Vol. 3). New York: Wiley.
- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological bulletin*, 113(3), 487.
- Dorsey, S., Forehand, R., & Brody, G. (2007). Coparenting conflict and parenting behavior in economically disadvantaged single parent African American families: The role of maternal psychological distress. *Journal of Family Violence*, 22(7), 621-630.
- Eisenberg, N., Fabes, R. A., & Spinrad, T. L. (2006). Prosocial development. In N. Eisenberg, W. Damon, & R. M. Lerner (Eds.), *Handbook of child psychology: Vol. 3, Social, emotional, and personality development* (6th ed., pp. 646–718). Hoboken, NJ: Wiley.
- Feinberg, M. (2003). The Internal Structure and Ecological Context of Coparenting: A Framework for Research and Intervention. *Parenting: Science and Practice*, 3, 2: 95-131.
- Franco, M. L., Pottick, J. K., & Huang, C. C. (2010). Early parenthood in a community context: Neighborhood conditions, race–ethnicity, and parenting stress. *Journal of Community Psychology*, 38(5), 574-590.
- Frizzo, G. B., Kreutz, C. M., Schmidt, C., Piccinini, C. A., & Bosa, C. (2005). O conceito de coparentalidade e suas implicações para a pesquisa e para a clínica: implication for research and clinical practice. *Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento humano*, 15(3), 84-93.
- Furstenberg, F. F. Jr., & Hughes, M. E. (1997). The influence of neighborhoods on children's development: A theoretical perspective and a research agenda. In J. Brooks-Gunn, G. J. Duncan, & J. L. Aber (Eds.), *Neighborhood poverty: Vol. 1. Context and consequences for children* (pp. 23–47). New York, NY: Sage.
- Furstenberg, F.F., T.D. Cook, J. Eccles, G.H. Elder, Jr. & A. Sameroff. (1999). *Managing to make it. Urban families and adolescent success*. Chicago & London: University of Chicago Press
- Garcia, F., & Gracia, E. (2009). Is always authoritative the optimum parenting style? Evidence from Spanish families. *Adolescence*, 44(173), 101–131.
- Gracia, E., Fuentes, M. C., Garcia, F., & Lila, M. (2012). Perceived neighborhood violence, parenting styles, and developmental outcomes among Spanish adolescents. *Journal of Community Psychology*, 40(8), 1004-1021.
- George, M. E. (2004). *Relations Between Parenting Styles and the Social Status of School Age Children with Their Peers* (Doctoral dissertation).

- Goodrum, N. M., Jones, D. J., Kincaid, C. Y., Cuellar, J., & Parent, J. M. (2012). Youth externalizing problems in African American single-mother families: A culturally relevant model. *Couple and Family Psychology: Research and Practice*, 1(4), 294.
- Hartup, W., & Laurson, B. (1993). Conflict and context in peer relations. In C. Hart (Ed.) *Children on playgrounds: Research and perspectives and applications* (pp. 44-84). Albany NY: SUNY Press.
- Hayes, A. F. (2013). *Introduction to Mediation, Moderation, and Conditional Process Analysis*. New York: Guilford Press
- Hoff, E., Laursen, B. & Tardif, T. (2002). Socioeconomic status and parenting. In M. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting, Vol.2: Biology and ecology of parenting* (2.<sup>a</sup> Ed., pp. 231-252). Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Holden, G.W., & Miller, P. C. (1999). Enduring and different: Ameta-analysis of the similarity in parents' child rearing. *Psychological Bulletin*, 125, 223–254.
- Ispa, J. M., Fine, M. A., Halgunseth, L. C., Harper, S., Robinson, J., Boyce, L., et al. (2004). Maternal intrusiveness, maternal warmth, and mother-toddler relationship outcomes: Variations across low-income ethnic and acculturation groups. *Child Development*, 75(6), 1613–1631.
- Jones, D. J., Forehand, R., Dorsey, S., Foster, S., & Brody, G. (2005). Coparent support and conflict in African American single motherheaded families: Associations with maternal and child psychosocial functioning. *Journal of Family Violence*, 20, 141–150.
- Jones, D., Zalot, A., Foster, S., Sterrett, E., & Chester, C. (2007). A review of childrearing in African American single mother families: The relevance of a coparenting framework. *Journal of Child and Family Studies*, 16, 671–683
- Jones, D. J., & Lindahl, K. (2011). Coparenting in extended kinship systems: African American, Hispanic, Asian Heritage, and Native American families. In J. McHale & K. Lindahl (Eds.), *Coparenting: A conceptual and clinical examination of family systems* (pp. 61–79). Washington, DC: American Psychological Association
- Jose, P. (2008). ModGraph-I: A programme to compute cell means for the graphical display of moderational analyses: The internet version, Version 2.0. Retrived from <http://www.victoria.ac.nz/psyc/paul-jose-files/modgraph/>
- Karavasilis, L., Doyle, A. B., & Markiewicz, D. (2003). Associations between parenting style and attachment to mother in middle childhood and adolescence. *International Journal of Behavioral Development*, 27(2), 153–164.
- Karreman, A., van Tuijl, C., van Aken, M. A. G., & Dekovic, M. (2008). Parenting, coparenting, and effortful control in preschoolers. *Journal of Family Psychology*, 22, 30–40

- Kohen, D. E., Leventhal, T., Dahinten, V. S., & McIntosh, C. N. (2008). Neighborhood disadvantage: Pathways of effects for young children. *Child Development*, 79(1), 156–169.
- Leaper, C. (2002). Parenting girls and boys. In M. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting*, Vol. 1: *Children and parenting* (2<sup>a</sup> Ed., pp. 189-225). Mahwah: LEA, Publishers.
- Leventhal, T., & Brooks-Gunn, J. (2000). The neighborhoods they live in: The effects of neighborhood residence on child and adult outcomes. *Psychological Bulletin*, 126, 309–336.
- Margolin G, Godis EB, John RS (2001). Coparenting: a link between marital conflict and parenting in twoparent families. *Journal of Family Psychology*; 15(1), 3-21.
- Matos, F (2012). *Algumas Reflexões Sobre o PER No Grande Porto*.
- McHale JP. (1995) Coparenting and triadic interactions during infancy: the roles of marital distress and child gender. *Developmental Psychology*;31(6): 985-96.
- McHale, J., & Lindahl, K. (2011). Coparenting: A Conceptual and Clinical Examination of Family Systems. *American Psychological Association*.
- McHale, J., & Sullivan, M. (2008). Family systems. In M. Hersen & A. Gross (Eds.), *Handbook of clinical psychology* (Vol. 2, Children and adolescence; pp. 192–226). Hoboken, NJ: Wiley.
- McHale, J. P., & Irace, K. (2011). Coping in diverse family systems. In J. McHale & K. Lindahl (Eds.), *Coparenting: A conceptual and clinical examination of family systems*. Washington, DC: American Psychological Association. doi:10.1037/12328-001
- McNally, S., Eisenberg, N., & Harris, J. D. (1991). Consistency and change in maternal childrearing practices and values: A longitudinal study. *Child Development*, 62, 190–198.
- Miguel, I., Valentim, J. P., & Carugati, F. (2009). Questionário de estilos e dimensões parentais-versão reduzida: adaptação portuguesa do Parenting Styles and Dimensions Questionnaire–short form.
- Mondin,E.M.C (2008). Práticas educativas parentais e seus efeitos na criação dos filhos. *Revista Psicologia Argumento*,v.26, n.54, p.233- 244, 2008.
- Mayseless, O., Scharf, M., & Sholt, M. (2003). From authoritative parenting practices to an authoritarian context: Exploring the person-environment fit. *Journal of Research on Adolescence*, 13, 427–456.
- Nieuwenhuis, J., & Hooimeijer, P. (2011). Neighbourhood effects on school achievement mediated by problematic behaviour and parenting. "Mixité: an urban and housing issue?". Toulouse.
- Parent, J., Jones, D. J., Forehand, R., Cuellar, J., & Shoulberg, E. K. (2013). The role of coparents in african american single-mother families: The indirect effect of coparent identity on youth psychosocial adjustment. *Journal of Family Psychology*, 27(2), 252.



- Pedro, M., Ribeiro, M. T., & Carapito, E. (2013). *Parenting styles and dimensions questionnaire: Versão de autorrelato*. Manuscrito submetido para publicação (2ª revisão)
- Pedro, M., & Ribeiro, M. T. (2013). *Análise Factorial Confirmatória do Coparenting Questionnaire – Versão Portuguesa*. Manuscrito submetido para publicação (2ª revisão)
- Ramey, S. (2002). The Science and Art of Parenting. In Borkowski, Ramey & Bristol – Power (Eds.), *Parenting at the child's world: influences on academic, intellectual, and social-emotional development*. New Jersey: *Lawrence Erlbaum Associates, Inc.*, Publishers.
- Shook, S. E., Jones, D. J., Forehand, R., Dorsey, S., & Brody, G. (2010). The mother-coparent relationship and youth adjustment: A study of African American single-mother families. *Journal of Family Psychology*, 24(3), 243.
- Simões, M. R. (1994). Investigações no âmbito da aferição nacional do teste das Matrizes Progressivas de Raven [Raven's Progressive Matrices: Aferition studies]. Dissertação de Doutoramento não publicada, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.
- Spera, C. (2005). A review of the relationship among parenting practices, parenting styles, and adolescent school achievement. *Educational Psychology Review*, 17(2), 125–146.
- Steinberg, L. (2001). We know some things: Parent-adolescent relationships in retrospect and prospect. *Journal of Research on Adolescence*, 11, 1-19
- Steinberg, L., Lamborn, S. D., Dornbusch, S. M., & Darling, N. (1992). Impact of parenting practices on adolescent achievement: Authoritative parenting, school involvement, and encouragement to succeed. *Child Development*, 63, 1266–1281.
- Szymanski, H. (2006). Práticas educativas familiares e o sentido da constituição identitária. *Paidéia*, 16(33), 81-90.
- Tabachnick, B. G., Fidell, L. S., & Osterlind, S. J. (2001). *Using multivariate statistics*
- Taylor, R. D. (2000). An examination of the association of African American mothers' perceptions of their neighborhoods with their parenting and adolescent adjustment. *Journal of Black Psychology*, 26(3), 267–287
- Talbot, J. & McHale, J. P. (2004). Individual parental adjustment moderates the relationship between marital and coparenting quality. *Journal of Adult Development*, 11, 191-205
- Tendulkar, S. A., Buka, S., Dunn, E. C., Subramanian, S. V., & Koenen, K. C. (2010). A multilevel investigation of neighborhood effects on parental warmth. *Journal of Community Psychology*, 38, 557–573.
- Tolan, P. H., Gorman-Smith, D., & Henry, D. B. (2003). The developmental ecology of urban males' youth violence. *Developmental Psychology*, 39(2), 274–291

Tudge, J. R. H. & Freitas, L. B. L. (2012). Parentalidade: Uma abordagem ecológico-cultural. In: C. A. Piccinini & P. Alvarenga (Eds.). *Maternidade e paternidade: A parentalidade em diferentes contextos* (pp. 171-196). São Paulo: Casa do Psicólogo

Vaughn AB (2000). The dynamics of coparenting in family interactions. Dissertation Abstracts International- Section B-The Sciences and Engineering; 60: 3599.

Vieno, A., Nation, M., Perkins, D. D., Pastore, M., & Santinello, M. (2010). Social capital, safety concerns, parenting, and early adolescents' antisocial behavior. *Journal of Community Psychology*, 38(3), 314–328.

Winslow, E. B. (2001). Development of boys' early conduct problems in a low-income urban sample: Implications of neighborhood context and maternal parenting. Unpublished data, University of Pittsburgh.

Zalot, A. A., Jones, D. J., Forehand, R., & Brody, G. (2007). Self-regulation and conduct problems among low-income African American youth from single-mother homes: The roles of perceived neighborhood context and child gender. *Journal of Black Psychology*, 33(3), 239–259.

**Tabela 1**  
**Características sociodemográficas da amostra 1**

	Figuras Parentais (n=100)
Figura Respondente (n)	
Mãe	68
Pai	23
Avó	6
Avô	3
Idade (M/SD)	38.94 (10.59)
Sexo (n)	
Masculino	26
Feminino	74
Estado Civil (n)	
Solteiro(a)	19
Casado(a)	39
União de facto	29
Recasado(a)	-
Divorciado(a)	4
Separado(a)	4
Viúvo(a)	5
Situação Laboral (n)	
Desemprego	46
Reforma	11
Trabalhador independente	8
Trabalhador por conta de outrem	35
Categoria Profissão (n)	
Pessoal dos Serviços e Vendedores	32
Operários, Artífices e Trabalhadores Similares	5
Operadores de Instalações e Máquinas e Trabalhadores da Montagem	5
Trabalhadores não qualificados	58
Residência (n)	
Marvila	65
Ameixoeira	22
Arrentela	9
Bairro dos Lóios	-
Monte da Caparica	4
Nº de Filhos (M/SD)	2.56 (2.14)
Idade Criança (M/SD)	10.62 (4.33)

Sexo Criança (n)	
Feminino	51
Masculino	49
Par Parental (n)	
Progenitor + Progenitor	53
Progenitor + outro	47

**Tabela 2**  
**Características sociodemográficas da amostra 2**

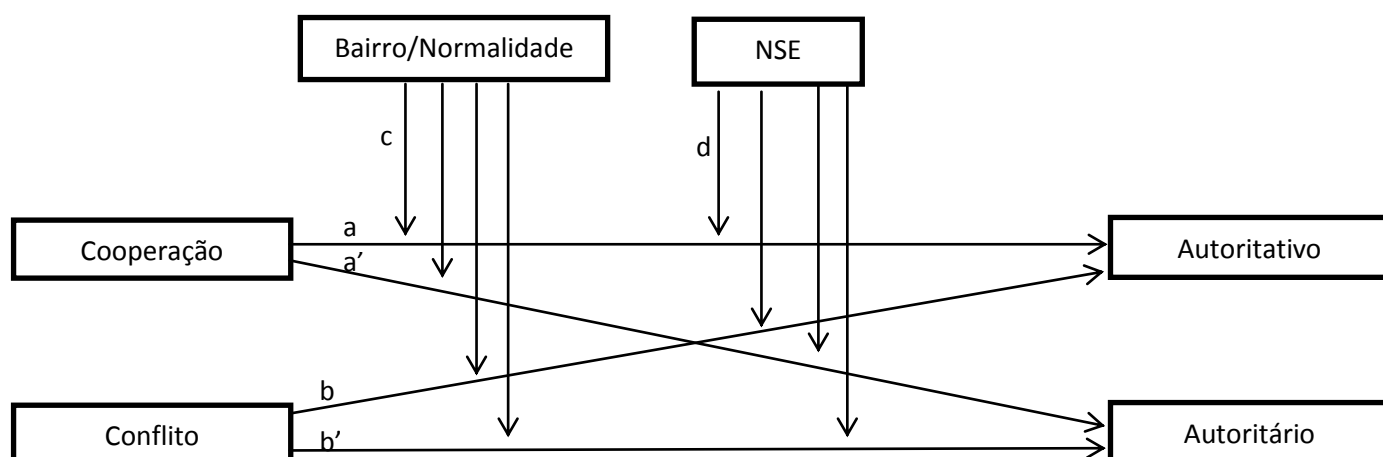
	Figuras Parentais (n=117)
Figura Respondente (n)	
Mãe	61
Pai	56
Idade (M/SD)	41.83 (5.59)
Estado Civil (n)	
Casado(a)	75
União de facto	11
Divorciado (a)	6
Separado (a)	5
Situação Laboral (n)	
Desemprego	17
Reforma	6
Trabalhador independente	27
Trabalhador por conta de outrem	55
Categoria Profissão (n)	
Quadros superiores	6
Especialistas das profissões intelectuais e científicas	14
Técnicos e profissionais de nível intermédio	18
Pessoal administrativo e similares	11
Pessoal dos Serviços e Vendedores	9
Agricultores e trabalho qualificado em agricultura e pesca	9
Operários, Artífices e Trabalhadores Similares	19
Operadores de Instalações e Máquinas e Trabalhadores da Montagem	9
Trabalhadores não qualificados	17
Idade Criança (M/SD)	10.97 (.92)

**Tabela 3.**  
**Intercorrelações das dimensões de Estilos Parentais e Coparentalidade e moderadores Bairro/não Bairro e NSE**  
**(N = 217)**

Variável	1	2	3	4	5	6
Estilos Parentais						
1.Autoritativo	-					
2.Autoritário	-.295**	-				
Coparentalidade						
3.Cooperação	.504**	-.200**	-			
4.Conflito	-.030	.099	-.247**	-		
Moderadores						
5. Contexto	-.236**	.213**	-.118	-.125	-	
6.NSE	.059	.034	.057	-.088	.643**	-
Média	3,737	2,203	3,967	1,919	,54	,53
Desvio-padrão	,632	,677	,766	,826	,500	,764

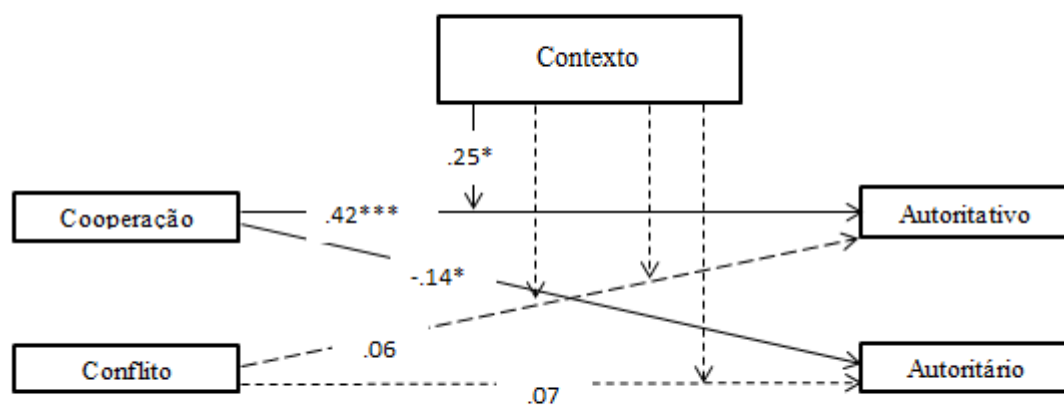
Nota: NSE (nível socioeconómico)

\* p < .05. \*\* p < .01



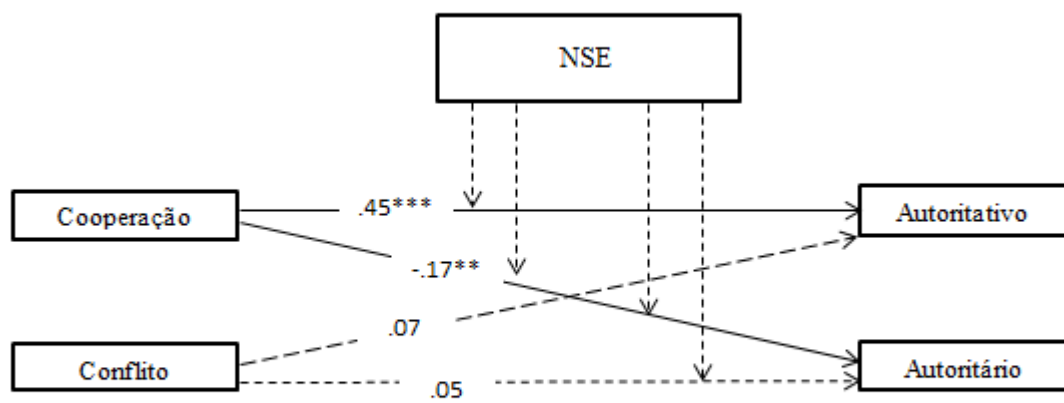
**Figura 1.** O modelo conceptual proposto a representar o contexto (Bairro/Normativo) e o Nível Socioeconómico (baixo, médio, alto) enquanto moderadores da relação entre Coparentalidade (VI - cooperação e conflito) e os estilos parentais (VD – autoritativo e autoritário).

*Nota.* caminhos *a* e *a'*: O efeito total da variável independente (VI<sub>1</sub>) cooperação nas variáveis dependentes (VD) autoritativo e autoritário, respectivamente; caminhos *b* e *b'*: O efeito total da variável independente (VI<sub>2</sub>) conflito nas variáveis dependentes (VD) autoritativo e autoritário, respectivamente; caminho *c*: O efeito do moderador proposto do Contexto (M<sub>1</sub>), na relação entre VI e VD; caminho *d*: O efeito do moderador proposto Nível Socioeconómico (M<sub>2</sub>), na relação entre VI e VD.



**Figura 2.** Modelo 1, a representar o efeito de moderação do Contexto

\* $p < 0.05$ ; \*\* $p < 0.01$ ; \*\*\* $p < 0.001$



**Figura 3.** Modelo 2, a representar o efeito de moderação do NSE  
 $**p<.01$ ;  $***p<.001$